

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

da Universidade de São Paulo

JULIO PLAZA 3 a 25 de setembro de 1977

Julio Plaza possui larga experiência internacional. Originário da Espanha (1938), desde logo afirmou-se em Madrid, percorrendo vários centros europeus até chegar pela primeira vez em 1967 ao Brasil, onde acabou por se radicar a partir de 1973. É nesta parte do mundo, adaptado ou à procura de uma adaptação às suas condições sociais, que vem atingindo seus objetivos mais vitais.

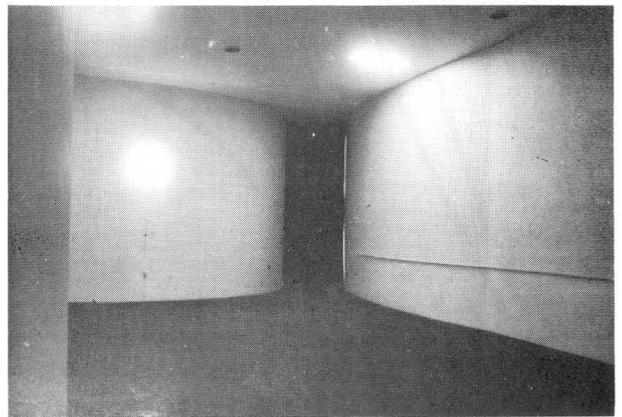
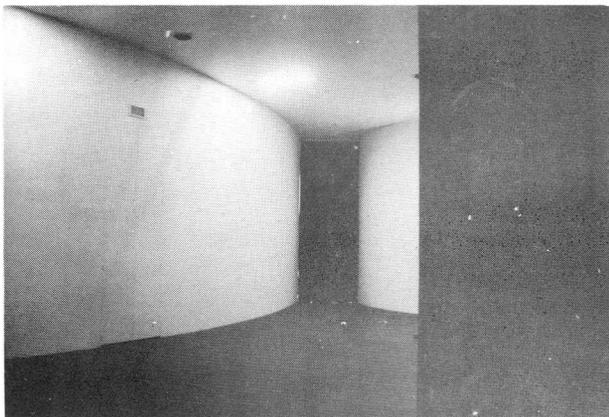
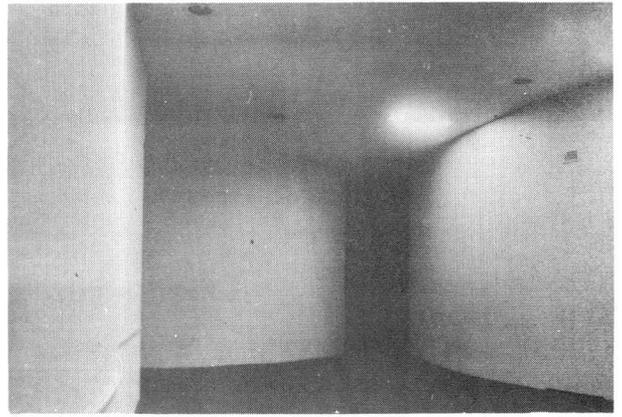
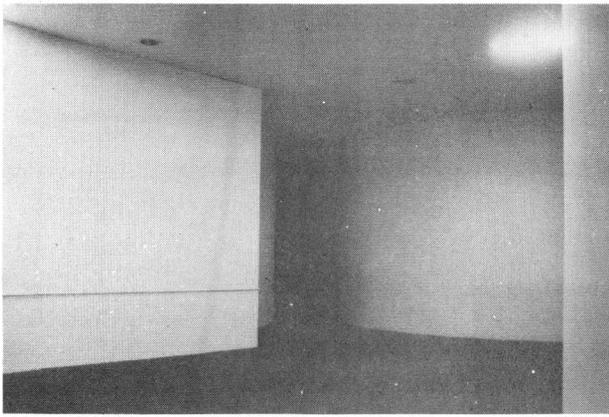
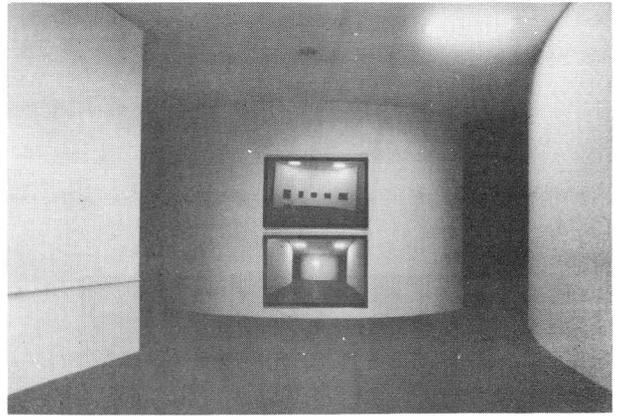
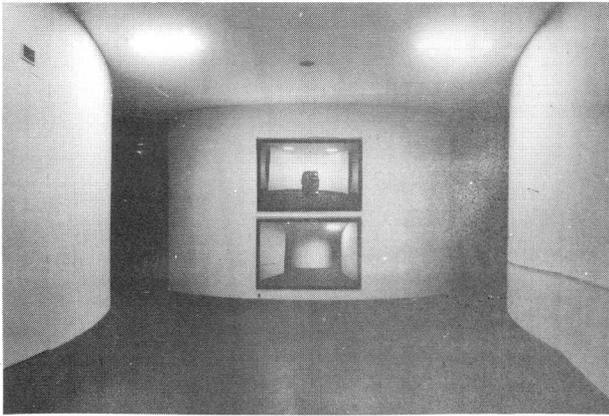
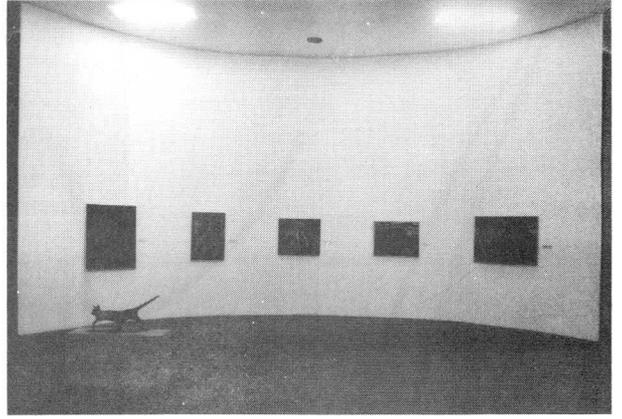
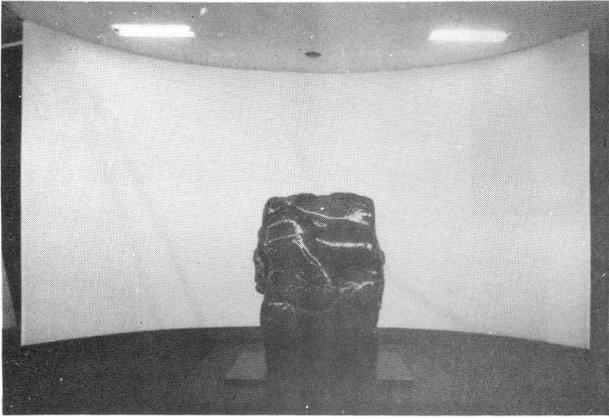
Nestes últimos anos, mantendo todo o rigor de sua formação néo-construtivista e peculiaridades próprias da visualidade minimalista, seu trabalho tomou distância do sistema de produção estético/objetual, passando a uma linguagem semiótica/comunicativa afinada na exploração de essência correspondência entre significados e significantes. Ele defende os valores irredutíveis da imagem ou seja o pensamento não verbal - nela expresso. O contexto de sua linguagem, em que é aguda a busca da qualidade da palavra, da presença icônica e das suas interpretações, mostra uma veiculação diversificada mas predominantemente gráfica. No livro-de-artista está seu campo preferencial e de condensação, embora utilize com grande flexibilidade a fotografia, o xerox, o carimbo, a serigrafia, o off-set, a placa esmaltada etc. Sua obra insere-se com grande segurança no amplo e crescente circuito internacional da visualidade poética surgida da multimedia.

Walter Zanini

B

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA da Universidade de São Paulo

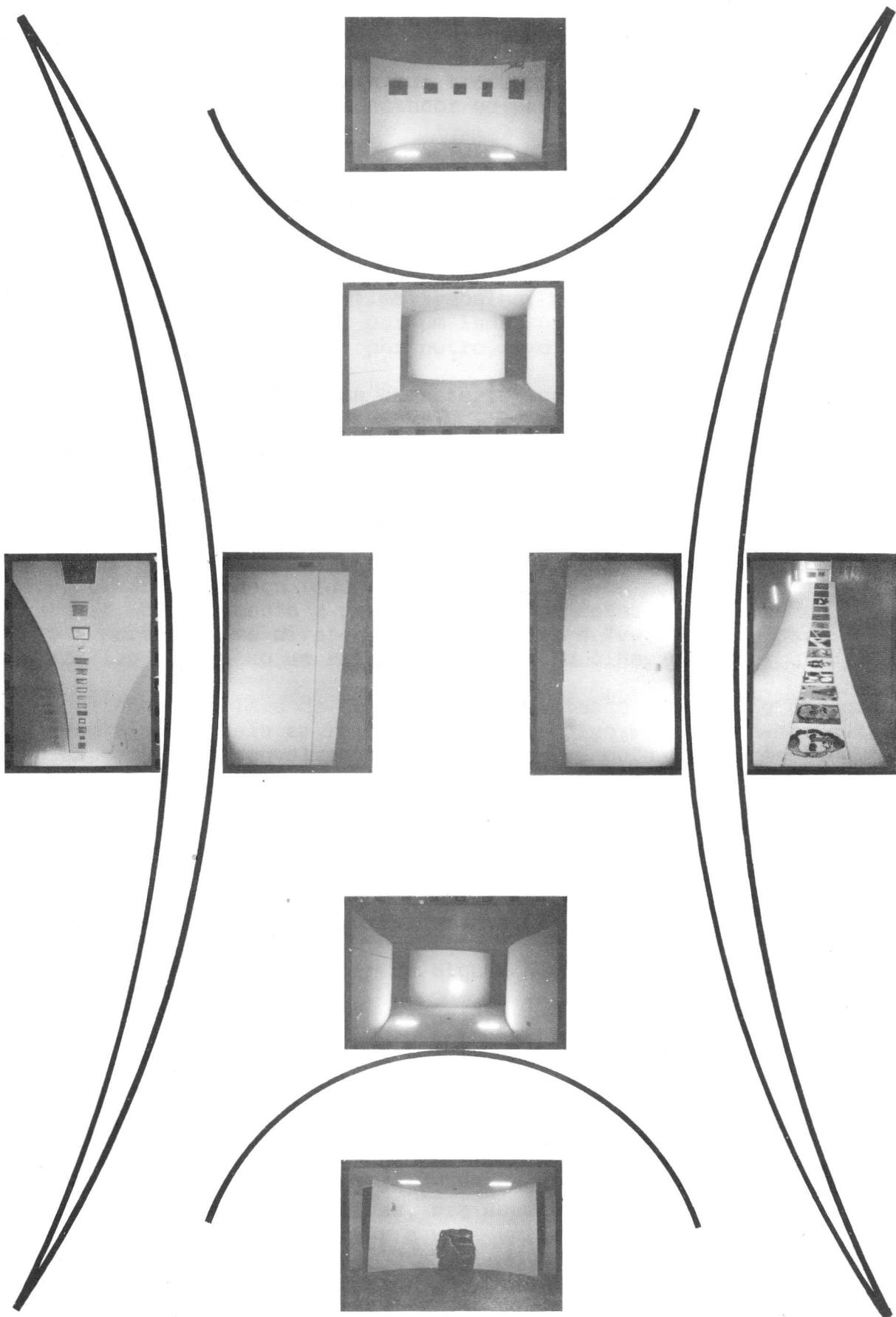
câmara obscura *plaza* *julio* *3 a 25 de setembro* *espaço*



B

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA da Universidade de São Paulo

câmara obscura *julio plaza* *3 a 25 de setembro* *espaço*



CÂMARA OBSCURA

Ao tratar de traduzir verbalmente o que faz em linguagem visual, o artista corre dois riscos:

1 - que a linguagem visual e sua tradução verbal se ilustrem mutuamente.

2 - invadir o território do espectador.

O espectador, por sua vez, corre estes outros riscos, decorrentes dos anteriores:

1 - substituir o objeto pela sua tradução verbal.

2 - não assumir-se como espectador ao permitir que outro interprete o que deve interpretar.

Assumindo estes riscos, o que se segue aqui não é uma versão linguística do trabalho ou teoria sobre o mesmo, mas uma espécie de aproximação ao código. Já que o que se diz e o que se mostra são coisas diferentes.

"Câmara obscura" é meu último trabalho, continuação das "Meninas".

Nele trato de estabelecer, por um lado, um diálogo entre o "mundo visual" e o "campo visual"; por outro, uma relação entre realidade e representação.

Câmara obscura aproveita as características do próprio espaço B.

É através da percepção que tomamos conhecimento do mundo e dos objetos que nos rodeiam, e o que Gibson chama de mundo visual, para diferenciá-lo da parcela de mundo que podemos abranger com os nossos olhos, que chama de campo visual; este é um recorte do mundo, portanto tem limite (180°). O mundo visual é ilimitado.

Se o "olhar" abrange todo o mundo visível, sua ação não comporta com apreensão, conhecimento e consciência, todas estas qualidades de "ver". Existe portanto uma diferença básica entre o "ver" e o "olhar". O ver é seletivo e crítico em relação ao visto, o olhar é mecânico.

A capacidade de visão de conjunto do espectador depende da proporção de envolvimento dele em relação ao meio ambiente. Falta-nos este relacionamento mais envolvente com o ambiente, pois comumente lidamos com partes e fragmentos.

No mundo de hoje todos olham e ninguém vê, nossa aproximação aos fenômenos é feita através de óculos. No nosso campo específico de trabalho olhamos através de socióculos, ideóculos e outros compostos.

Aprendemos a ver apenas o que precisamos ver, queremos ou nos interessa ver, e raramente vemos criticamente.

Também "vemos" com o auxílio de alguma tecnologia, como extensão de nosso organismo.

É aqui que entra a câmara fotográfica como auxiliar da percepção, observação e pesquisa, não como problema.

A imagem como memória

Câmara obscura é uma metáfora da câmera escura e também das relações entre os espaços e ambientes que o espectador tem que observar, perceber e mentalizar, se quiser decodificar o trabalho.

Câmara obscura são todas as inter-relações desses espaços e imagens rebatidas, umas contra as outras, ora espelhando-se ora transparentando-se, interiorizando o exterior e vice-versa.

Espaço-tempo

A troca de referenciais, a relação e conversão do que antes era mundo

visual e agora é campo visual, através da representação, da memorização, ou destas duas comparadas com a realidade, cria uma disgressão espaço-temporal.

Também a comparação das imagens rimadas ou similares, mas não idênticas, cria esta relação através das sutis diferenças.

A relação de posição no espaço e a ação de calcular, medir, comparar, qualificar, assinalar um percurso, permite um "estar" e ocupar ativamente o espaço: um uso antropológico do espaço, uma cultura.

Até aqui algumas das relações mais elementares de Câmara obscura; existem muitas outras que o observador pode fazer por si mesmo, já que não compete a mim fazê-las, pelo perigo da invasão da área do espectador e autofagia do trabalho.

Julio Plaza

LIVROS DE ARTISTA E OUTROS TRABALHOS

Poética-política, Edições S.T.R.I.P. SP 1977

Reduchamp, em co-autoria com Augusto de Campos. Edições S.T.R.I.P. 1976

"Último trabalho sobre o índio"

(comentário sobre o "realismo brasileiro") Cartões postais, 1977

() tistas; clínica para... Fotografia, 1976

"Obras de arte com gemas, cocada e marzipan" em co-autoria com Regina Silveira, 1976 Fotografia.

"Estacionamento DADA", ready made urbano, Fotografia, 1976

"SIGNO", ready made urbano, Fotografia, 1976

"O cadeado", ideograma, 1976

JULIO PLAZA

Nasce em 1938 em Madrid. Realiza estudos de arte em seu país, ampliados na Alemanha e na Academie Jullien e École des Beaux-Arts, em Paris. Viagens de estudo à Holanda e Bélgica. Participa de numerosas exposições individuais e coletivas na Espanha. Vem pela primeira vez ao Brasil (Rio de Janeiro) em 1967 com uma bolsa de estudos e entre 1969-73 é "Artista Residente" da Universidade de Porto Rico. Desde 1973 fixa-se em São Paulo, onde vem desenvolvendo intensa atividade, editando livros, participando continuamente de exposições no Brasil e no estrangeiro. É professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

ÚLTIMAS EXPOSIÇÕES

1977 Galeria Arte Global, São Paulo, individual.

"Nueva generación 1967-77", Madrid, coletiva.

Exposition Internationale des Arts Plastiques, Belgrado, Iugoslávia.

"Artists Books", Galerie Hecate, Paris.

"Latin-America '76, 59 artistas", Fundació Jean Miró, Barcelona.

Bibliografia recente

Julio Plaza: Da arte sintática à arte semântica; Fernando C. Lemos in Folha de São Paulo, 7/8/77.

Um Translivro: Poética; Diário do Paraná, 31/7/77, Paulo Leminski.